

Discursos e Narrativas Sobre o Passado: o bairro paulistano de Guaianases em representações no tempo presente

*Amailton Magno Azevedo^I
Sheila Alice Gomes da Silva^{II}*

*“A quem interessa lembrar?”
(DIAGNE, 2011 apud ANTONACCI, 2013).*

Resumo: O bairro periférico da cidade de São Paulo, Guaianases, tem ocupado nos censos demográficos dos últimos anos o status de Território Negro; mesmo assim, as histórias que remontam a sua gênese são contadas entre os habitantes de maneira hegemônica, identificando os europeus como únicos sujeitos das narrativas. Resultado de pesquisa desenvolvida no Programa de Estudos pós-graduados em História na PUC-SP, este artigo objetiva compreender, quais são as imagens produzidas e como elas representam o bairro, em fontes que trazem uma perspectiva da história do bairro no tempo presente. Para tanto, debruçamo-nos sobre um folder, o qual a comunidade local teve livre acesso no ano de 2007, no evento em comemoração aos 146 anos do bairro.

Palavras-chave: Guaianases, memórias negras, representação, discursos, narrativas.

Abstract: The suburb of the city of São Paulo, Guaianases, has occupied in demographic censuses in recent years the status of black Territory; even so, the stories that date back to its genesis are counted among the inhabitants of hegemonic manner, identifying Europeans as sole subjects of the narratives. Result of research conducted in post-graduate in History Studies Program at PUC-SP, this article aims to understand what are the images produced and how they represent the district in sources that bring a perspective of the history of the neighborhood at the present time. To do so, we look over a folder, which the local community had free access in 2007, the event commemorating the 146 years of the neighborhood.

Keywords: Guaianases, black memories, representations, discourses, narratives.

Artigo recebido em 18/08/2014 e aprovado em 12/10/2014.

DISCURSOS E NARRATIVAS SOBRE O PASSADO: O BAIRRO PAULISTANO DE GUAIANASES EM REPRESENTAÇÕES NO TEMPO PRESENTE

AMAILTON MAGNO AZEVEDO & SHEILA ALICE GOMES DA SILVA

Introdução

Este artigo é resultado de pesquisa desenvolvida no Programa de Estudos Pós-graduados em História da PUC-SP, a qual objetiva *a priori* colaborar com a produção historiográfica constituidora de uma ancoragem interpretativa, negadora do eurocentrismo e da hegemonia, nas quais muitas produções brasileiras estão submersas. Concentramo-nos, então, em evidenciar vozes, trajetórias, memórias, narrativas, documentos e fotos; os quais nos trazem significados e sentidos à presença negra e suas relações com esse território. Nisso interessa-nos entender como se constituíram as relações históricas e socioculturais entre os negros e o bairro paulistano de Guaianases, periferia – Zona Leste, durante o período de acentuada urbanização e aumento demográfico, entre os anos de 1930 e 1960.

A pesquisa se complementa na identificação das práticas de reorganização e ressignificação promovidas pelos sujeitos negros, em busca da sobrevivência, a partir do contato com experiências do passado preservadas nas memórias e na oralidade negra presentes no bairro. Além disso, o reconhecimento dos elementos socioculturais, econômicos e históricos, nos proporciona analisar os processos de empoderamento do território pela população negra, outrora segregada à margem da cidade de São Paulo, especificamente, por ações do movimento urbanista, moderno, elitista de base ideológica eurocêntrica, iniciado no final do século XIX.

Para composição do artigo focaremos nas representações evidenciadas por fontes que trazem uma perspectiva da história do bairro no tempo presente. Objetivando nisso, compreender quais são as imagens produzidas nas respectivas fontes, e como estas imagens representam a história do bairro.

Localizado no extremo leste da periferia da metrópole paulista o bairro de Guaianases, segundo dados publicados pela Subprefeitura do bairro^{III} embasados no último censo demográfico brasileiro do ano de 2010 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), tem uma área geográfica de 17,8 Km² e uma população de 283.162 habitantes. O crescimento vertical, materializado pela edificação de conjuntos habitacionais e prédios comerciais; e horizontal com a pavimentação de ruas, interligação com importantes rodovias de acesso a outras cidades e ao centro da metrópole, além da canalização de rios, entre outros, tem marcado o fluxo urbanístico e estrutural dos últimos 30 anos do bairro. Na dimensão humana, um dos tópicos esquecidos do planejamento urbano, o bairro caracteriza-se pelas crescentes migrações oriundas de todas as regiões brasileiras, inclusive de outras cidades do próprio estado de São Paulo. Os desdobramentos desses fluxos migratórios resultam numa diversidade de indivíduos, sotaques e modos de viver.

No que tange a um recorte racial da cidade de São Paulo, o Censo demográfico de 2010 – IBGE afirmou que o número de negros é maior que o de brancos, além de apontar especificamente, para uma proporção maior de negros, com relação a brancos, se observarmos bairro a bairro no sentido centro-periferia. A cidade vai enegrecendo nas bordas, as periferias são territórios da diáspora e/ou territórios negros^{IV}.

Apesar de ser possível, empiricamente, perceber a crescente quantidade de negros e as permanências de suas manifestações culturais e sociais no bairro, a história oficial e comum aos moradores é àquela em que europeus – brancos são os sujeitos

DISCURSOS E NARRATIVAS SOBRE O PASSADO: O BAIRRO PAULISTANO DE GUAIANASES EM REPRESENTAÇÕES NO TEMPO PRESENTE

AMAILTON MAGNO AZEVEDO & SHEILA ALICE GOMES DA SILVA

propiciadores do desenvolvimento, a partir do desbravamento de um território inóspito, marcado por matagais e morros, sem infraestrutura e qualquer benefício governamental. Europeus – imigrantes são lembrados e louvados de maneira saudosa, por muitos dos antigos moradores, em detrimento de outros indivíduos, também sujeitos do desenvolvimento do bairro, como os negros.

A invisibilização dos negros como sujeitos históricos não é um privilégio do bairro de Guaianases, a historiografia chamada “oficial” no Brasil, durante os séculos XIX e grande parte do XX, fundamentou-se no esquecimento do negro e de sua história, sendo formada quase que majoritariamente por produções que os relegaram ao não ser e ao não lugar. Ainda neste período, segundo Munanga, a idealização da identidade brasileira teve como base pilares eugenistas, na aspiração de uma nação limpa, civilizada, nesse caso, sinônimo de branca^V. As elites intelectuais e políticas brasileiras apontavam para uma supervalorização da Europa como modelo de civilização, sociedade, etc. Desde reproduzir uma arquitetura europeia no remodelamento da cidade de São Paulo em busca da modernidade, entendendo que a presença negra nesses espaços representava atraso, sujeira, doença e barbárie, até a implementação de ações violentas de remanejamento, que literalmente, expulsavam grandes populações negras do centro da cidade; tudo era racionalmente instituído em prol da “(...) formulação de uma nova percepção do que deveria ser a cidade de São Paulo e seus lugares, à tentativa de eliminação de tradições inconvenientes e à marginalização dos indesejáveis.”^{VI}

A lógica dominante no Brasil reafirmava os modos hegemônicos de saber e reconhecer o mundo, reafirmando uma epistemologia alicerçada em pensamentos abissais, promotora de uma perspectiva de humanidade universal, onde todos os povos e culturas que diferem deste padrão são por ela subalternizados, hierarquizados, oprimidos e invisibilizados. Nisso esses elementos, constituídos como “os outros” nessa perspectiva, são empurrados e/ou afastados, em sentido lato, a um lugar social marginal e muitas vezes ao epistemicídio. São epistemologias eurocêntricas ou ‘Epistemologias do Norte’ que se encarregam de sufocar saberes e de produzir uma desmemória coletiva, e que ainda hoje esta presente em grandes produções historiográficas brasileiras^{VII}.

O incentivo ao apagamento das memórias das populações negras deu força às elites para a constituição de um poder de dominação ideológica, econômica e política. São mecanismos de manipulação e/ou dominação que, através de pensamentos abissais, dicotomizam o mundo em dois grandes grupos; os superiores e os inferiores, os detentores de saberes universais ou episteme do Norte, e os que não detêm qualquer saber compreensível e relevante, a episteme do Sul.^{VIII} Para Le Goff “os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores destes mecanismos de manipulação da memória coletiva.”^{IX}

O Negro e a Moderna São Paulo

Com os projetos de urbanização e modernidade da Cidade de São Paulo, pautados numa ideologia hegemônica e eurocêntrica, o negro também não atendia o ideal de trabalhador rural e urbano. Numa estratégia racional empreendida pelo governo para embranquecer a nação, europeus foram trazidos para o Brasil, e nesse caso para São Paulo, a partir do final do século XIX em substituição aos negros, nesse período livres, em seus costumeiros ofícios. Oliveira salienta que “Os africanos negros foram os

DISCURSOS E NARRATIVAS SOBRE O PASSADO: O BAIRRO PAULISTANO DE GUAIANASES EM REPRESENTAÇÕES NO TEMPO PRESENTE

AMAILTON MAGNO AZEVEDO & SHEILA ALICE GOMES DA SILVA

primeiros a trabalharem na construção civil, nas cozinhas dos restaurantes, na limpeza e manutenção dos prédios.”^X Sobre tal problemática Rolnik aponta para uma situação que vai muito além do que a simples substituição de mão de obra: “A face urbana desse processo é uma espécie de projeto de ‘limpeza’ da cidade, baseado na construção de um modelo urbanístico (...)”^{XI} que se completa no apagamento das memórias negras.

Os espaços que eram predominantemente negros passavam a ser ocupados pelas elites ou por europeus na construção de bairros operários, num movimento moderno e urbano que na verdade deu corpo a “segregação urbana” marcada “por uma espécie de zoneamento social”^{XII}. Precedidas por violência policial ações “higienizadoras” foram empreendidas contra a população moradora dos territórios negros do centro da cidade, roubando-as violentamente. As populações negras ocupavam cobiçados espaços, considerados “(...) territórios exclusivos da elite paulistana.”^{XIII} que deveriam ser ocupados por sujeitos que tivessem modos de vida condizentes com a nova proposta de cidade. O plano era invisibilizar a presença negra, colocar em prática o processo de desmemória no apagamento dos vestígios dessas populações, excluí-las da cidade e liga-las a condição de marginalidade. Nesse movimento expropriatório e de segregação, as populações negras não foram incorporadas à cidade e seus benefícios; de maneira impositiva passavam a habitar cortiços, subúrbios e as periferias, na materialização de uma disciplina espacial. Todo esse processo vai marcar um “(...) percurso de deslocamento da pobreza negra em direção às áreas menos valorizadas pelo mercado imobiliário da terra e da habitação (...)”^{XIV} Segregados a territórios marginais da cidade, carentes de infraestrutura e recursos de transporte para locomoção, bairro – centro, essas populações não estavam apartadas apenas geograficamente, culturalmente ou socialmente, mas racialmente.

Nesses territórios pavimentados por desigualdades fronteiriças parecia mais fácil para o poder público controlar essas populações ‘indesejáveis’ a moderna São Paulo. Discursos e representações foram cunhados ao longo do século XX, onde o outro – o negro era geograficamente determinado^{XV}. Acreditava-se que era possível manter os sujeitos desejáveis (brancos) e eliminar os indesejáveis (negros) da cena urbana paulista; na definição de territórios para brancos e negros^{XVI}.

Os territórios receptores das populações negras, banidas dos espaços centrais da cidade de São Paulo, foram sendo delineados pela dimensão da vida social, destes. Espaços que foram constituindo-se como territórios negros. Áreas que se formaram entre lutas, resistências e enfrentamentos dos estigmas sociais do atraso, da violência, das doenças, “(...) vistos como desorganizados e como algo a ser combatido pelo poder constituído, por isso a perseguição em muitos espaços negros. O que ocorre ainda hoje.”^{XVII}

Entre os anos de 1930 e 1960, recorte de nossa pesquisa de mestrado, e até os dias de hoje, ainda é possível identificar as permanências da condição segregacionista da cidade; “(...) a população negra da cidade de São Paulo esta distribuída em maior proporção nos extremos das regiões leste, oeste, norte e sul.”^{XVIII} O bairro de Guaianases situado no extremo leste da cidade de São Paulo, e no que tange ao seu processo de ocupação populacional e urbanização foi marcado pela relação com as realidades que se sobrepunham à cidade de São Paulo; um dos espaços em que os negros, recém deslocados, precisavam constituir como território, “(...) seu chão.”^{XIX}

DISCURSOS E NARRATIVAS SOBRE O PASSADO: O BAIRRO PAULISTANO DE GUAIANASES EM REPRESENTAÇÕES NO TEMPO PRESENTE

AMAILTON MAGNO AZEVEDO & SHEILA ALICE GOMES DA SILVA

Guaianases e suas representações

O bairro de Guaianases esta localizado no extremo leste da periferia da Cidade de São Paulo, região que recebeu contingentes de europeus imigrantes, e significantes contingentes de populações negras que o constituiu como território negro^{XX}. Mesmo assim, as historias que dão forma ao senso comum no bairro evidenciam o papel protagonista dos europeus, como construtores e desenvolvedores do bairro.

Além da oralidade a memória do bairro, também, é propagada por fontes escritas; geralmente produzidas e distribuídas para a população em celebrações, como seus aniversários. Esses materiais escritos (folders, anuários, folhetins, etc.), apresentam-se cheios de cores, fotos e histórias do bairro e de alguns habitantes, trazendo uma perspectiva da história do bairro no tempo presente. Escolhemos, então, uma dessas fontes no objetivo de compreender quais são as imagens produzidas por ela, e como estas imagens representam a historia do bairro de Guaianases.

Durante o levantamento dessas fontes para a pesquisa de mestrado tivemos contato com o primeiro material que deu inicio a essa prática no bairro, nos festejos; um folder de 3 folhas – frente e verso – colorido, distribuído para a comunidade em geral no dia 03 de maio do ano de 2007, em comemoração ao dia que o bairro completava 146 anos, intitulado: *“Guaianases nossa terra”*.

Os dirigentes do poder publico local, todos os anos, unem-se em prol da organização e realização dos festejos em comemoração ao aniversário do bairro de Guaianases; compostos geralmente por desfiles cívicos - das escolas municipais e estaduais, e suas fanfarras, além de discursos inflamados de seus idealizadores. Esses desfiles acontecem no bairro desde a década de 50, mas é no ano de 2007 que a, então, dirigente regional da Diretoria Regional de Educação de Guaianases, Mara Gianetti idealiza e produz o primeiro folder, que foi distribuído em escolas da região e para o publico em geral.

A capa e/ou primeira pagina do folder é composta por uma foto; e para a analisarmos partimos do entendimento de Albuquerque & Klein e Santos^{XXI} que reconhecem nas fotografias documentos – fontes históricas, imbuídos de informações e significados constituidores de representações de um aspecto da realidade a partir de uma perspectiva. Nisso sugerem, entre outros, a identificação dos discursos produzidos pela imagem.

Possíveis interpretações sobre o folder: “Guaianases Nossa Terra”

Capa ou primeira página

A fotografia de capa reproduz uma perspectiva da Avenida Salvador Gianetti, a principal via de acesso ao bairro no ano de 2007, por ônibus, carros e demais veículos automotores. Além da avenida a foto, também, traz a estação de trem, carros, casas e uma grande igreja católica, como o ponto mais alto. Com uma avenida de vias largas, bem recapeadas e prontas para receber o idealizado progresso que carros, ônibus e os trilhos representam; as imagens trazidas pela foto é a de um território em transformação, desenvolvimento e moderno. No dialogo com a urbe paulistana o foco esta na dimensão urbana do território. Um território que se apresenta, numa possível leitura da foto,

DISCURSOS E NARRATIVAS SOBRE O PASSADO: O BAIRRO PAULISTANO DE GUAIANASES EM REPRESENTAÇÕES NO TEMPO PRESENTE

AMAILTON MAGNO AZEVEDO & SHEILA ALICE GOMES DA SILVA

submetido à fé e/ou instituição ecumênica do catolicismo; quando a Igreja de São Benedito, maior estrutura predial da foto, tem a seus pés todas as outras imagens que compõem a cena. Uma cena que produz uma imagem de contraste entre tradição e modernidade, e uma reafirmação do domínio europeu naquele território, quando o bairro foi construído a partir da presença jesuítica e a dizimação das comunidades indígenas existentes.

Para refletirmos e problematizarmos as representações construídas sobre a história do bairro de Guaianases, na fonte analisada, temos como referencial Benjamin^{XXII}, no objetivo de fazer uma leitura crítica ou a contrapelo da fonte selecionada, na elaboração de novos questionamentos; e Chartier^{XXIII} quando buscamos compreender a construção dos significados e/ou como vai se construindo à representação. A partir de inquietações, como: Qual é a linguagem utilizada? Sobre quais argumentos o autor pondera? Quais elementos são trazidos à narrativa? Entre outras.

Abaixo da foto da primeira página, encontra-se um texto de agradecimento ao autor do poema que é trazido nas páginas sequenciais:

Ao Amigo, Poeta e Pensador, “Carlos Thadeo”, Meu eterno agradecimento pela homenagem dedicada à nossa terra querida, Guaianases; através da arte de criar ícones, de sugerir emoções, por meio da linguagem combinada com significados, que sensibilizam e nos inspiram a recordar e sonhar. Versos de Saudades e de Amor, por esta terra que compartilhamos, agora imortalizados.

Esse pequeno texto inicial composto de frases que externam reconhecimento ao poema que compõe uma das partes do folder, quando a autora Mara Gianetti se reporta aos versos como capazes de inspirar os antigos moradores a recordar e sonhar; caracterizando-os como: “Versos de Saudades e de Amor”. Numa representação de um bairro inspirador, é sugerida a imortalização das experiências vividas; as específicas experiências trazidas pelo poema.

Segunda página

Na análise do poema, localizado na parte interna do folder, buscamos apreender os sentidos e significados dispostos, pensando como são recuperadas e/ou reelaboradas as histórias e memórias do bairro. Assumindo o título do folder o poema é de autoria de Carlos Thadeo^{XXIV}, membro da família Thadeo – italiana – que chegou ao bairro na década de 20, onde instalou suas olarias.

De guerreira tribo da nação Tupi,
Herdaste o nome. (...)

Num lembrar da gênese indígena do bairro, chamado de Guaianases em homenagem a tribo Guaianás, o poema relega a importância dos primeiros habitantes desse território, para a memória guaianense, a apenas duas linhas que se limitam a ligar a tribo à nomenclatura do bairro. A partir disso, os versos passam a evidenciar qual é o sentimento que domina os antigos moradores daquele território.

DISCURSOS E NARRATIVAS SOBRE O PASSADO: O BAIRRO PAULISTANO DE GUAIANASES EM REPRESENTAÇÕES NO TEMPO PRESENTE

AMAILTON MAGNO AZEVEDO & SHEILA ALICE GOMES DA SILVA

És Guaianases, sim, com S.
Com S de simplicidade,
Com S de solidariedade,
Com S de sinceridade,
Com S de saúde,
Com S de Saudade,
Sim saudade, mas não uma simples saudade!
Saudades no plural, (...)

Os versos vão construindo uma imagem aprazível, uma evocação a um Guaianases composto a partir de muitas qualidades que deixaram saudosos aqueles que aqui experienciaram um tempo que não voltará mais. O autor a partir da linguagem poética estrutura uma prosopopeia^{XXV} ao atribuir qualidades humanas ao território, caracterizando-o como sujeito. Guaianases deixa de ser um bairro, em sua inferioridade inanimada, ele é promovido a sujeito. Um sujeito constituído que participa da vida de seus habitantes, fazendo-os mais felizes e completos.

Terceira página

Os próximos versos listam elementos constituidores dessa saudade; são famílias chamadas “tradicionais” em outras representações da história do bairro. Todas as famílias pertencentes a esta listagem são de imigrantes, chegados a Guaianases em seus primórdios, o que nos traz uma representação que tem grande carga simbólica no reforçamento dos lugares de poder.^{XXVI}

Da Adega do Teixeira.
(...) Da Chácara dos Radiantes e seus vinhos.
Dos Depósitos 22, São João, Vargas, Diório e Garotão.
(...) Do Zé Turco e Carlito, pioneiros mascates.
Do Correio, do seu João e Dona Didita,
Das vendas do Lulu, do Nucho e do Jacó.
Das Lojas do Nicola, Toninho e Nelson Diório.
Do Jamil, do Valdir, do Renato, do Joanim e do Edgar.
(...) Dos Armazéns do Seu Ditinho, (...) Bozo, Antônio Camargo e Milton Sinnes. (...) e Casa de móveis São João,
(...) Do Padre José Maria. (...) Das pedreiras e das olarias.

São famílias italianas, portuguesas e espanholas, colocadas uma após outra numa associação a ofícios e atividades comerciais que se ligam ao desenvolvimento do território, traçando um contorno positivista e eurocêntrico sobre a cartografia do bairro. São versos constituidores de um lugar enunciador de privilégio, aonde a representação da história do bairro nos conduz o olhar para a experiencial social desses sujeitos. A imagem é do europeu provedor, o dono dos meios de produção, de comércios e serviços; compondo uma cena civilizada que se afasta, hipoteticamente, do bairro afirmado pelos índices sociais, violento e vulnerável.

DISCURSOS E NARRATIVAS SOBRE O PASSADO: O BAIRRO PAULISTANO DE GUAIANASES EM REPRESENTAÇÕES NO TEMPO PRESENTE

AMAILTON MAGNO AZEVEDO & SHEILA ALICE GOMES DA SILVA

Reafirmando representações como construtoras de ideias da realidade ou parte dela, em detrimento de outras, entendemos ser possível perceber a intencionalidade do autor constituidor das narrativas.^{XXVII} Numa possível interpretação dos versos, percebemos uma historia romantizada de imigrantes que venceram a pobreza e as situações adversas num território estranho. É uma imagem de uma classe elitista, donas dos meios de produção e serviços no bairro, que deixou saudade. É o evidenciar de um modo de vida hegemônico num bairro, que ser quer branco.

Essa supervalorização do europeu na historia do bairro, trazida pelo autor, revisita ideais nacionalistas, que de modo violento ignoravam, desconheciam e segregavam as populações negras que, também, faziam parte da demografia desse território nos períodos de maior urbanização, entre as décadas de 1930 e 1960; como já evidenciamos anteriormente.^{XXVIII}

Quarta página

Oh! Quanto dói no peito,
Afastar-me de ti,
Querida terra,
Berço primeiro de meus sonhos,
Alicerce fundamental,
Das primeiras letras,
Primeiros versos e contos.
Por onde quer que ande,
És terra sempre lembrada,
Levo-te no peito encerrada.
Um tesouro ocultado,
Nos dias felizes,
Que na memória trago,
Vividos em meu saudoso Bairro.
Um pequeno e singelo paraíso,
Chamado GUAIANASES.

Como um poema autoral, os versos costuram-se por um chamamento particular para o coletivo, conclamando subjetivamente a todos os habitantes que partilharem desses sentimentos bairristas. A última estrofe é reafirma a estética romântica que perpassa todo o poema, que traz uma representação hegemônica da história do bairro, apegada a uma manifestação da individualidade definida por emoções e sentimentos vivenciados pelo autor, como o sentimento de saudade que marca de forma constante o poema.

Quinta e Sexta página(A)

Intitulada: “Um pouco da história”, a quinta pagina traz a representação em forma narrativa da história do bairro de Guaianases. O texto de autoria de Carlos

DISCURSOS E NARRATIVAS SOBRE O PASSADO: O BAIRRO PAULISTANO DE GUAIANASES EM REPRESENTAÇÕES NO TEMPO PRESENTE

AMAILTON MAGNO AZEVEDO & SHEILA ALICE GOMES DA SILVA

Thadeo, mesmo autor do poema, inicia-se relatando a chegada dos Jesuítas ao território que viria a ser paulista.

Em uma manhã de janeiro de 1554, sob sol intenso, presumivelmente, em virtude dos relatos contidos em compêndios sobre a fundação da Cidade de São Paulo, Jesuítas vindos da Capitania de São Vicente, enfrentam a íngreme muralha consistida pela Serra do Mar. Vencida a árdua subida atravessam a região da Borda do Campo e rumam para as planícies de Piratininga.

O trecho baseado em documentos compostos, segundo o autor, outorga uma imagem heroica aos Jesuítas. Como desbravadores de terrenos difíceis, em prol de um objetivo maior, uma missão civilizadora. No terceiro parágrafo do texto, o autor passa a narrar à ação construtora da cidade, empreitada por Jesuítas. Ele promove catequizadores de índios a construtores da cidade; numa imagem romântica permeada por olhares “(...) curiosos e assustados (...)”.

São olhares dos primitivos silvícolas, que pertencem à nação Tupi-Guarani. Os índios da Nação dos Guaianases, que viviam em harmonia com a natureza, organizada em diversas tribos espalhadas pelo planalto de Piratininga.

A narrativa reproduz uma classificação universalista e eurocêntrica, comum ao discurso colonial quando relega os povos indígenas a uma categoria primitiva trazendo toda a dimensão de violência e imposição que esse adjetivo, usado pejorativamente, carrega consigo. O índio é trazido à narrativa numa condição naturalizada de selvageria, como se lhe fosse inata tal característica. Mesmo em outros parágrafos subsequentes onde a nação indígena é colocada como: “(...) competente, trabalhadora e guerreira.”, logo é associada a um caráter amistoso e receptivo com “(...) povos que por suas terras se aventurassem.”. Ainda no mesmo parágrafo o autor faz a seguinte inferência:

(...) os registros de que eram um povo dócil, facilmente conquistável e que viviam refugiados em brejos e pântanos, com receio de luta, são dados revestidos de romântica narrativa. Era, de fato, um povo amistoso! Porém quando instados a defender sua honra e seus domínios, transformavam-se em guerreiros ferozes e destemidos.

Um texto que hora afirma, hora nega, os comportamentos indígenas diante dos colonizadores; o que nos traz a imagem de um índio confuso, numa possível leitura, até mesmo animalizado com sua doçura comum, que se torna ‘fera’ quando invadido em sua particularidade.

Em finais do século XVI foram estabelecidas Freguesias de Santana de Nossa Senhora da Conceição do Rio Acima que compreendia as terras da Zona Norte, Vila Maria e Guarulhos, e a Freguesia de Santana de Nossa Senhora da Conceição do Rio Abaixo que compreendia as terras da margem direita do Rio Ermelino Matarazzo, São Miguel Paulista, Itaim Paulista e, principalmente, **Guaianases** (negrito do autor).

DISCURSOS E NARRATIVAS SOBRE O PASSADO: O BAIRRO PAULISTANO DE GUAIANASES EM REPRESENTAÇÕES NO TEMPO PRESENTE

AMAILTON MAGNO AZEVEDO & SHEILA ALICE GOMES DA SILVA

Narrando de maneira descritiva uma perspectiva do estabelecimento dos bairros da Zona Leste de São Paulo, periferia da cidade, o autor finaliza o parágrafo evocando o bairro de Guaianases, negrito e precedido da palavra “principalmente”, a uma condição de louvação característica de todo o folder. O parágrafo é, então, finalizado com a seguinte declaração:

Há o orgulho de havermos herdado o nome da Nação dos **Guaianases** (negrito do autor), bem como seu espírito de cordialidade, respeito e trabalho, mas, acima de tudo, a alma guerreira e lutadora, características dos primitivos **Guaianás** (negrito do autor).

Num falso elogio a memória dos índios Guaianás o autor elenca outras características, como: a cordialidade, que pode ser sinônimo de afável – afetivo – doce – encantador, o respeito que pode ser substituída por apreço – estima – reverência, e trabalhador uma das características muito apreciadas para aquele que deseja fazer o outro de servo. Além, de ser uma das características associadas à cidadania na cidade do trabalho, como era conhecida a Cidade de São Paulo a partir do início do século XX. Aos índios ainda é associado o caráter guerreiro, no que poderíamos entender como uma tentativa de revisitar falas, anteriormente, negativas; mas a frase se completa com a reafirmação do ser primitivo, animalizado, de quem os antigos moradores herdaram somente as características de possível humanização.

Sexta página(B)

Assim como o nome do autor esta grafado em caixa alta e da idealizadora do folder na primeira pagina, a ultima pagina intitulada: “AGRADECIMENTOS”, traz o seguintes texto:

IN MEMORIAN ao Deputado Guilherme Gianetti pela autoria da Lei nº 10.772 de 09 de novembro de 1989, que institui o dia do Bairro de Guaianases.

O folder constitui uma imagem da historia do bairro que embranquece Guaianases, e procura instituir ícones europeus de uma trajetória de construção e desenvolvimento do território. Perpassado pelo discurso positivista o folder se encerra em uma homenagem a um falecido representante politico vinculado ao bairro, de uma das famílias de imigrantes, que instituiu o dia do Bairro de Guaianases; uma das ações que aspiram eternizar o homenageado e, por consequência, quem o homenageia.

Os elementos apontados durante a análise do material são pistas que nos possibilitam perceber um apagamento da presença negra no bairro. Em nenhum verso ou parte da narrativa as populações negras são se quer citadas. Mesmo o folder trazendo uma imagem deturpada por um discurso colonial e eurocêntrico, é possível perceber a presença dessa população no bairro que inclusive tem o seu nome. Uma

DISCURSOS E NARRATIVAS SOBRE O PASSADO: O BAIRRO PAULISTANO DE GUAIANASES EM REPRESENTAÇÕES NO TEMPO PRESENTE

AMAILTON MAGNO AZEVEDO & SHEILA ALICE GOMES DA SILVA

representação da história do bairro que nega a presença das populações negras, nega também o diálogo com a cidade de São Paulo e o contexto histórico em que ela estava inserida. Nisso, uma história branca e universalista é multiplicada e apreendida pela comunidade, no geral, até os dias atuais. Uma história que promove a representação do bairro periférico da Cidade de São Paulo, território negro, como o Guaianases europeu.

Notas

^I Professor de História da África na PUC/SP e Pós-Doutor pela Universidade do Texas em Austin, EUA. E-mail: amailtonazevedo@gmail.com

^{II} Mestranda em História pela PUC/SP. Texto produzido com financiamento da CAPES. E-mail: sheilagomessilva@bol.com.br

^{III} Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/subprefeituras/dados_de_mograficos/index.php?p=12758>. Acesso em: 20 set. 2013.

^{IV} Rolnik (1989).

^V Munanga (2008).

^{VI} (SANTOS, 2003, p. 126.)

^{VII} Santos (2010).

^{VIII} *Ibidem*.

^{IX} Le Goff (2003).

^X Oliveira (2013)

^{XI} (ROLNIK, 1989, p.6)

^{XII} *Ibidem*.

^{XIII} (SILVA, 2006, p.18)

^{XIV} (OLIVEIRA, 2013, p.72).

^{XV} Vargas (2013).

^{XVI} (Oliveira, 2013)

^{XVII} (SILVA, 2006, p.23)

^{XVIII} (OLIVEIRA, 2013, p.72)

^{XIX} *Ibidem*.

^{XX} Rolnik (1989); Andrews (1998); Oliveira (2013).

^{XXI} Albuquerque & Klein (1987); Santos (2003).

^{XXII} Benjamin (1989).

^{XXIII} Chartier (1990).

^{XXIV} Assina o poema como: Carlos Thadeo, Poeta e Pensador, nascido em Guaianases.

^{XXV} Figura de linguagem caracterizada pela atribuição de características e qualidades humanas a objetos inanimados.

^{XXVI} Chartier (1990).

^{XXVII} *Ibidem*.

^{XXVIII} Reis (2013)

Referências Bibliográficas

DISCURSOS E NARRATIVAS SOBRE O PASSADO: O BAIRRO PAULISTANO DE GUAIANASES EM REPRESENTAÇÕES NO TEMPO PRESENTE

AMAILTON MAGNO AZEVEDO & SHEILA ALICE GOMES DA SILVA

ALBUQUERQUE, Marli Brito M.; KLEIN, Lisabel Espellet. Pensando a fotografia como fonte histórica. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 3, Set. 1987. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102311X1987000300008&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 22 Jul. 2014.

ANDREWS, George Reid. **Negros e brancos em São Paulo (1888 – 1988)**. Bauru – SP: EDUSC, 1998.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In _____ . **Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política - ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. Para um conceito de História. In _____. **Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política - ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas – SP: Unicamp, 2003.

MUNANGA, Kabengele.(Org.) **História do Negro no Brasil - O negro na sociedade brasileira: resistência, participação, contribuição**. 1. ed. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2004.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra**. São Paulo: 2008.

OLIVEIRA, Regina Marques de Souza. Identidade do jovem negro e metrópoles: enunciados da diáspora em São Paulo e Paris. In: OLIVEIRA, Reinaldo José de. (Org) **A cidade e o negro no Brasil: Cidadania e território**. São Paulo: Alameda, 2013.

OLIVEIRA, Reinaldo José de. Interfaces entre as desigualdades urbanas e as desigualdades raciais no Brasil: observações sobre o Rio de Janeiro e São Paulo. In: _____. (Org) **A cidade e o negro no Brasil: Cidadania e território**. São Paulo: Alameda, 2013.

REIS, Ingrid P. dos. **A participação da gestão pública de São Paulo em combate aos enchentes: Guaianases, um estudo de caso**. In: ANPUH-SP – XXI Encontro Estadual de História, Trabalho, Cultura e Memória. Set. 2012, Campinas. Anais Eletrônicos. Disponível em:<http://www.encontro2012.sp.anpuh.org/resources/anais/17/1342297673_ARQUIV_O_TextoparaAnpuh.pdf>. Acesso em: 27 Agost.2013.

DISCURSOS E NARRATIVAS SOBRE O PASSADO: O BAIRRO PAULISTANO
DE GUAIANASES EM REPRESENTAÇÕES NO TEMPO PRESENTE

AMAILTON MAGNO AZEVEDO & SHEILA ALICE GOMES DA SILVA

ROLNIK, Raquel. **Territórios Negros nas Cidades Brasileiras (etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro)**. Rio de Janeiro: Revista de Estudos Afro-Asiáticos 17 - CEAA, Universidade Cândido Mendes, Set. 1989.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: _____; MENESES, Maria Paula. (Orgs.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez. 2010.

SANTOS, Carlos José Ferreira dos. **Nem tudo era italiano: São Paulo e pobreza (1890 – 1915)**. São Paulo: FAPESP, 2003.

SILVA, Maria Nilza da Silva. **Nem para todos é a cidade: Segregação urbana e racial em São Paulo**. Brasília, DF: Fundação Cultural Palmares, 2006.

VARGAS, João H. As lutas por territórios negros do Rio de Janeiro. In: OLIVEIRA, Reinaldo José de. (Org.) **A cidade e o negro no Brasil: Cidadania e território**. São Paulo: Alameda, 2013.